

Revista Latinoamericana de Psicopatologia

Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em

Psicopatologia Fundamental

Brasil

Apresentação: A paranóia nos negros, (Nina-Rodrigues), parte 2

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. VII, núm. 3, septiembre, 2004, pp. 128-
130

Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233017762012>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Apresentação: *A paranóia nos negros,* (Nina-Rodrigues), parte 2

O ensaio de Raimundo Nina-Rodrigues, *A paranóia nos negros: estudo clínico e médico legal* (1903) vem sendo republicado em três partes, em números consecutivos da *RLPF*. Na primeira parte (junho de 2004), o autor nos apresentou uma revisão sobre a “Existência da paranóia nos negros” e sobre sua “Freqüência nos pretos brasileiros”, e ainda deu início à discussão sobre as “Formas clínicas da paranóia nos pretos brasileiros”. Destaca-se, na primeira observação ali descrita,¹ o detalhado estudo psicopatológico que possibilitou ao autor diferenciar o delírio de negação de órgãos da doente, conectado ao delírio paranóico e de origem alucinatória, daquele descrito por Cotard, relacionado à melancolia (Nina-Rodrigues, 2004, p. 176-7).

Nesta segunda parte do artigo, continuando as “Formas clínicas”, são apresentados dez casos, do total de 16 observações clínicas compiladas por Nina-Rodrigues. Os casos II a V têm como diagnóstico o “delírio crônico de evolução sistemática de Magnan” (grupo A). As observações VI a VIII são casos que seriam chamados de “paranóia” por Teixeira Brandão ou de “delírio sistematizado dos degenerados” por Magnan (grupo B). Vale ressaltar que, a despeito

1. O caso de Umbelina Maria do Bonfim, negra baiana de sessenta anos, filha de africanos escravos, ex-vendedora de peixe, internada no Asilo São João de Deus (Salvador, BA), diagnosticada como tendo há 13 anos um “delírio de perseguição de evolução sistemática”, ou delírio crônico de Magnan.
-

da divisão das observações em seis grupos nosográficos, nosso autor afirma crer que as variadas formas clínicas da paranóia não seriam categorias estanques, mas poderiam ter contigüidade. Elas teriam em comum a existência de uma estruturação mental patológica, degenerativa, caracterizada, sobretudo, pelo orgulho e pela desconfiança.²

Ainda que todos os casos citados acima sejam muito interessantes do ponto de vista psicopatológico, sem dúvida destaca-se o do mulato Rocha Pitta. Modesto escrivão de paz no interior da Bahia, em seu delírio transforma-se em um deus e com o *Deus-Lesma*, seu pai traidor, batalha incessantemente. O que não o impede de prestar serviços administrativos ao Asilo de Alienados São João de Deus, onde vive internado, e de escrever suas memórias. Nina-Rodrigues notou nessas memórias o registro de diálogos alucinatórios: as alucinações intercorrentes (as suas conversas com Deus e alguns santos) eram colocadas entre parênteses, em meio às suas dissertações e poesias; afinal, constatava o desolado Pitta, “Deus só quer bagunçar meus versos, nada mais”.

O grupo diagnóstico seguinte (C, casos de IX a XI) reúne observações de indivíduos sofrendo de “paranóia homicida de Del Grecco”, que Nina-Rodrigues pensa ser apenas um subgrupo destacado dos delírios dos degenerados, em que o delírio persecutório se produz em degenerados de “temperamento criminal ou impulsivo”, pré-existente à manifestação delirante. Surge aqui uma hipótese corrente à época, apoiada por Nina-Rodrigues: as crises de impulsividade violenta e homicida seriam equivalentes a manifestações epilépticas, mesmo em pessoas não-convulsivas. Os três casos foram vistos pelo autor na Penitenciária de Salvador e, a despeito das informações escassas ou inexistentes nos processos, o médico-detective reconstruiu as histórias dos loucos assassinos Leopoldino, Targino e Manoel Mascarenhas, em todos os seus detalhes trágicos e em todo o seu horror.

Observe-se ainda que, apesar de ser especialista em medicina legal e, portanto, hábil nas medições antropométricas, Nina-Rodrigues as deixou de lado em seus casos; já Nery e Roxo transcrevem, como dados relevantes, as medidas tomadas regularmente de seus pacientes do Hospício Nacional (casos II, III e VII). Tais medidas obtidas no exame físico dos doentes eram usadas na busca de sinais de degenerescência e tinham implicações na formulação diagnóstica³.

2. Sobre este ponto, veja-se o artigo de apresentação à primeira parte do ensaio de Nina-Rodrigues (Oda e Dalgalarrodo, 2004, p. 152-4).
3. Estas medidas antropométricas pertencem ao sistema classificatório da escola antropológica de Broca, cujos principais critérios eram o *índice cefálico*, ou proporção entre a largura e o comprimento do crânio (*braquicéfalos* ou *dolicocéfalos*) e a *medida do ângulo facial* (*ortognatas* ou *prognatas*). Desta forma, a craniometria procurava estabelecer o valor de cada

Ainda que para Nina-Rodrigues o conceito de degenerescência permaneça sempre relevante, como gênese da predisposição ao desequilíbrio mental, à loucura e ao comportamento criminoso, a partir de certo ponto de sua obra, em torno de 1900, a craniometria e a antropologia física passam para segundo plano, e ele privilegia, sobretudo, as análises psicopatológicas e a contextualização sociocultural dos casos que estuda.

É o que se observa neste ensaio em que, ao lado da rica descrição psicopatológica tecida a partir de histórias pessoais, se mostram ainda pedaços da história do Brasil, tal como foi vivida por alguns de seus atores mais humildes. Como o escravo baiano Manoé, “fujão e preguiçoso”, vendido para uma fazenda cafeeira e levado para o distante Rio de Janeiro nos últimos anos da escravidão. Tal ameaça terrível, que rompia todos os laços sociais de origem, seguramente não era apenas castigo aos “maus escravos” (como afirmam Márcio Nery e Nina-Rodrigues), mas antes era determinada pelos interesses econômicos dos senhores de escravos, decadentes no nordeste, necessitando de braços no sudeste.

Enlouquecido logo após a Abolição, aos 55 anos, o ex-escravo se intitula Dom Manoé, restaurador da monarquia e, logo mais, será ele mesmo Rei. É pena que o Dr. Nery, autor da observação, não nos conte mais sobre Dom Manoé; sabemos apenas que em 1901, dois anos após sua internação, ele permanecia no Hospício Nacional de Alienados, agora isolado num quarto-forte.

Referências

- GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. 2. ed. Tradução Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 75-95.
- NINA-RODRIGUES, R. A paranóia nos negros: estudo clínico e médico legal (1903). Parte 1. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, p. 161-78, jun./2004.
- ODA, A.M.G.R., DALGALARONDO, P. Uma preciosidade da psicopatologia brasileira: “A paranóia nos negros”, de Raimundo Nina-Rodrigues. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, ano VII, n. 2, p. 147-60, jun./2004.

raça numa escala evolutiva hierárquica da espécie humana (Gould, 1999, p. 75-95). Acoplada à teoria da degenerescência de Valentin Magnan, com Cesare Lombroso e sua antropologia criminal surgiu mais um importante uso da craniometria que, junto a outras medidas antropométricas, buscava identificar anormalidades físicas, sinais atávicos surgidos em certos indivíduos degenerados, fossem criminosos, desequilibrados mentais, loucos ou supostos candidatos a tal.